Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

Bom Retiro: imagens, culturas e identidades

Edson Viggiani Júnior

Escola de Comunicação e Artes / PPGCOM / USP
ed.viggiani@usp.br

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto identificar e compreender as difusas fronteiras e os encontros entre as distintas etnias, culturas e nacionalidades presentes no bairro do Bom Retiro, zona central de São Paulo. A abordagem é multidisciplinar, e a fotografia é utilizada como método de pesquisa, meio de informação e expressão. A urbanização do lugar iniciou-se na última década do século XIX e intensificou-se com a construção da estação da Luz, no início do século XX. Desde então, o bairro é o mais cosmopolita do Brasil, porta de entrada para as mais diferentes origens; uma de suas principais características é a conexão residência-trabalho, desde a formação do bairro até os dias de hoje. O Bom Retiro tornou-se uma referência do comércio de confecções na capital paulista a partir da inserção da comunidade judaica no início do século XX, depois desenvolvido pela comunidade coreana e, mais recentemente, com o trabalho dos sul-americanos. É um pequeno universo de acentuadas diferenças étnicas e culturais e classes sociais distintas em convivência. A luta pela construção da própria narrativa pelos diferentes grupos alimentou identidades e alteridades, criando um espaço singular de polifonia cultural e de relações incomuns.

Palavras-chave: cultura; etnia; fotografia; identidade; imigração; memória

ABSTRACT

This research has the purpose to identify and understand the diffuse borders and encounters between different races, cultures and nationalities present in the neighborhood of Bom Retiro, in central Sao Paulo. The approach is multidisciplinary, and photography is used as a research method, means of information and expression. The urbanization of the place began in the last decade of the nineteenth century and intensified with the construction of the Estação da Luz, in the early twentieth century. Since then, the neighborhood is the most cosmopolitan of Brazil, gateway to the most different origins; one of its main features is the connection home-to-work, since the formation of neighborhood up to the present day. The Bom Retiro became a reference on trading of clothing goods in São Paulo from the insertion of the Jewish community in the early twentieth century, then developed by the Korean community and more recently with the work of the South Americans. It's a micro world of sharp ethnic and cultural

differences and coexistence of different social classes. The struggle for the construction of the narrative itself by different groups fed identities and otherness, creating a unique space of cultural polyphony and unusual relationships.

Keywords: culture; ethnicity; photography; identity; immigration

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do projeto de mestrado que começou a ser elaborado a partir do desenvolvimento do trabalho de documentação fotográfica do bairro do Bom Retiro, no primeiro semestre de 2013, contemplado com o Prêmio Marc Ferrez 2012, da FUNARTE. O Bom Retiro é um bairro essencialmente cosmopolita e de tramas sociais em sincronia com a globalização. Ao fotografar o Bom Retiro, a singularidade do lugar ficou evidente. Diferentes classes sociais vivem no bairro, as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é possível observar no Bom Retiro uma troca cultural concomitante à luta pela preservação da cultura de origem. Mesmo em São Paulo, não há um bairro com tanta diversidade de etnias e de nacionalidades. A assimilação de migrantes no Brasil, em particular em São Paulo, é contraditória e vinculada ao lugar de origem e à classe social. Cada migração tem um histórico distinto, com características próprias; algumas emigrações forçadas forjando trajetórias intensas. Sobre o Bom Retiro, devemos falar em identidades, sempre no plural. No interior das comunidades há conflitos e contradições, os diversos grupos não são necessariamente homogêneos, buscam construir o discurso afinado com os seus intereses, de classe social, de etnia ou de comunidade religiosa.

Néstor García Canclini, em *A globalização imaginada,* procura olhar para o processo de globalização não apenas pelo prisma das questões econômicas, mas também pelo das articulações culturais surgidas nessas novas relações. Canclini expõe a dificuldade pós-globalização com relação ao estudo de sociedades nacionais e de etnias, pois já não se constituem como observatórios (antropológicos) definidos. O autor contesta quem diz que a globalização tem caráter apenas homogeneizador: “Muito do que se fala sobre a globalização é falso; por exemplo, que ela uniformiza todo o mundo” (CANCLINI, NÉSTOR GARCÍA; 2003, p. 41). No Bom Retiro ocorre um processo dialético entre as culturas de origem e a luta de resistência através da preservação da cultura original e da integração numa sociedade distinta e culturalmente plural. Canclini argumenta que a globalização não é um paradigma político ou cultural, sendo consequência de movimentos muitas vezes contraditórios (local-global, local-local): “Os conhecimentos disponíveis sobre a globalização constituem um conjunto de narrativas, obtidas por meio de aproximações parciais, em muitos pontos divergentes” (CANCLINI, NÉSTOR GARCÍA; 2003, p. 43). No caso do Bom Retiro, as conexões globais se misturam e se confundem com as conexões locais.

Como argumenta David Harvey em *A produção capitalista do espaço*, ”a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelo ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras

simbólicas e as aspirações" (HARVEY, DAVID; 2005, p. 170); as relações são construídas no cotidiano e se expressam pelas ações sociais e culturais. Nem sempre o cardápio do restaurante, a academia de ginástica ou a fachada da creche têm alguma referência em português. Há encontros e desencontros, fronteiras fluídas e difusas, e ao mesmo tempo trocas culturais improváveis. Neste momento, no Bom Retiro, percebe-se o imbricamento de comunidades distintas. Novas identidades surgem nas tramas sociais e na diversidade cultural, e Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* debate essas questões: "A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente no momento do nascimento" (HALL, STUART; 2006, p. 28). O Bom Retiro é o espaço urbano no qual ocorrem encontros inusitados, só possíveis devido às características históricas especiais do desenvolvimento do bairro. As novas gerações são criadas em ambientes diferentes daquele em que seus antepassados cresceram, frequentam escolas, convivem com crianças e jovens de outras origens e têm assim outras referências, nem sempre alinhadas com o projeto familiar. A harmonia é aparente, há uma tensão oculta. O discurso da convivência pacífica e harmoniosa é repetido com mais constância pelas camadas sociais mais altas que vivem no bairro. Embora haja um fortalecimento da narrativa da harmonia pela exaltação das virtudes do lugar, ao se aproximar é possível verificar o conflito contido; o ambiente de harmonia aparente dissimula os conflitos sociais.

Segundo o Portal da Prefeitura de São Paulo, a população do bairro em 2010 era de aproximadamente 33 mil pessoas. De acordo com o Conseg - Conselho Comunitário de Segurança do Bom Retiro, o número de pessoas nos dias de semana em épocas do ano com maior atividade comercial chega perto de 200 mil. O jornal *Folha de S.Paulo,* no "DNA Paulistano" de 2008, estimou que todas as classes sociais estão presentes no bairro, mas é composto em sua maioria pela classe C (de acordo com o site: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/biblioteca/DnaPaulistanoCentro.pdf>.

1. A Casa é do povo

No período de maior caracterização judaica do bairro, a pluralidade da comunidade era evidente. No início da década de 1950, judeus progressistas criaram o ICIB - Instituto Cultural Israelita Brasileiro, espaço pensado para abrigar e difundir a cultura judaica e manter viva a memória da luta contra o Holocausto. O lugar, na rua Três Rios é carinhosamente conhecido como Casa do Povo, e foi quase abandonado após a década de 1990. Retomou as atividades em 2011, abrindo o espaço para outras comunidades, entre elas, o grupo de bolivianos da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, para a realização de reuniões, assembleias e cursos. Começou a ser criado em 1945 por judeus progressistas imigrantes da Europa oriental e se estabeleceu em 1953 na rua Três Rios[1]. Na década de 1950, o Bom Retiro se configurava como um bairro com predominância da comunidade judaica e de caráter heterogêneo, mesmo entre os judeus; os idealizadores da Casa do Povo eram judeus laicos e falavam o

[1] Em 1953 foi inaugurado o edifício modernista, projeto do engenheiro e arquiteto Ernest Mange. (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

iídiche. O espaço é herança da luta pela organização da comunidade judaica em São Paulo desde a década de 1920; inúmeros movimentos progressistas ajudaram a amadurecer a ideia da criação do ICIB, entre eles o Centro Cultura e Progresso[2]. Atualmente, a direção da Casa do Povo busca ressignificar o espaço, que foi idealizado para ser a memória da resistência da cultura judaica, monumento contra o Holocausto. A Casa do Povo abrigou também a Escola Scholem Aleichem (1949–81) e o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB), de 1960 ao início de 2000. A instituição é um ícone da cidade de São Paulo, fundamentado no pensamento universalista e ao mesmo tempo com vínculos profundos com o bairro do Bom Retiro.

No início da década de 2010, a geração que era criança até 1970 e tinha laços afetivos com a Casa do Povo voltou a ocupar o lugar, organizando, administrando e disponibilizando-o para atividades culturais abertas aos mais diferentes grupos. A Casa do Povo[3] foi muito atuante até a década de 1980; 2013 tornou-se a data símbolo da reocupação do espaço, hoje plural e heterogêneo. Há atividades das mais diversas, integradas ao ambiente do bairro, de perspectiva democrática e em sintonia com as questões contemporâneas da urbanidade e da cultura no contexto global. O TAIB[4] criado em 1960, foi um teatro de resistência, muitas peças em iídiche foram encenadas ali, e no período da ditadura militar o teatro sofreu com perseguições e censuras.

A lembrança da espoliação e da perseguição na Europa influenciou a comunidade judaica do bairro a investir na educação dos filhos - a riqueza pode-se tomar, o saber não. Os negócios de família, especialmente as confecções, ficaram no plano secundário, para a segunda geração de judeus do bairro. Os filhos, em geral profissionais liberais, realizaram, talvez, o sonho dos pais, interrompido pelas perseguições e a emigração forçada. Herdaram cultura e educação, e hoje em dia seguem os preceitos religiosos básicos, mas a maioria abandonou as lojas e bazares, os que enriqueceram deixaram o Bom Retiro para morar em bairros mais nobres, principalmente em Higienópolis, Cerqueira César, Jardins, Pinheiros e Morumbi[5].

Dr. Jairo Degenszajn, médico do Hospital Universitário da USP e atual presidente da Casa do Povo, foi morador do Bom Retiro; ex-estudante do colégio Scholem Aleichem, é um dos que trabalham para resgatar o espaço, identificado com ideais humanistas. Ele contou que a preocupação inicial é privilegiar atividades variadas, em invés de reformar o prédio. Considera importante uma reforma, mas acredita que ela só terá sentido com a ocupação do lugar. Cada vez mais, a Casa é do povo, com as inúmeras atividades culturais e sociais. Desde 2013, as ações são inúmeras e multidisciplinares; algumas se

[2] CYTRYNOWICZ, Roney. "Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos". Jornal *Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

[3] CYTRYNOWICZ, Roney. "Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos". Jornal *Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

[4] WALDMAN, Berta. "O teatro iídiche em São Paulo". Jornal *Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

[5] PÓVOA, Carlos Alberto. "A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi". Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

tornaram regulares: coral da terceira idade, aulas de teatro com grupos independentes; sessões de cinema; trabalhos de coletivos; redação de jornal alternativo; preservação da biblioteca, que tem 6 mil exemplares de livros escritos em iídiche; oficina de costura criativa, entre outras atividades constantes. Depois da reocupação do espaço, foi desenvolvido um projeto de reforma do prédio[6].

A Casa do Povo abrigou o jornal *Nossa Voz*, fechado depois do golpe militar de 1964[7]. Benjamin Seroussi desenvolveu, junto com Mariana Lorenzi, o projeto editorial do jornal. Benjamin faz parte do conselho do jornal e se dedica ao resgate da Casa. Durante a cerimônia em memória dos resistentes do levante do Gueto de Varsóvia em abril de 2015, Benjamin argumentou sobre o marco que melhor expressa a luta do povo judaico: a direção da Casa do Povo não considera a libertação do campo de concentração de Auschwitz como data oficial para celebração da resistência, como ocorre nos Estados Unidos e na maior parte do mundo. Segundo Benjamin, Auschwitz representaria mais a vitimização e menos a luta. O Bom Retiro foi o espaço de organização da comunidade judaica em São Paulo.

Marina Sendacz, artista plástica e educadora, cuida da biblioteca que ganha corpo na Casa do Povo, da qual foi presidente. Ela se ocupa da meticulosa tarefa de organização e catalogação dos 6 mil livros em iídiche recolhidos junto aos judeus do bairro. A maioria trazida ao longo do século XX por refugiados e imigrantes judeus do leste europeu. Marina nasceu no Bom Retiro, filha do casal de judeus poloneses José Aron Sendacz, falecido em 1984, e Hugueta Sendacz, maestrina do coral Tradição. Marina mora com a mãe no Bom Retiro e segue o caminho familiar, procurando reiterar tradições culturais. Ela conserva um acervo com algumas obras raras e de grande valor histórico e documental.

A língua é expressão da resistência e da luta pela sobrevivência. Maria Luiza Tucci Carneiro discorre sobre o uso do iídiche pelos judeus no Brasil: "O iídiche, enquanto língua de origem e tradição, era amplamente difundido entre os judeus da Europa oriental e central, que, ao chegarem ao Brasil, continuavam a usá-lo como primeira língua" (CARNEIRO, MARIA LUIZA TUCCI; 2013, p. 40). Entre outras coisas, o que faz do Bom Retiro um bairro singular é a possibilidade de ser um lugar de resistência do idioma comum entre os judeus de várias partes do mundo e, ao mesmo tempo, estabelecer relações com outras culturas.

A Escola Scholem Aleichem (1949–81), na Casa do Povo, priorizava o iídiche em relação ao hebraico através de expressões artísticas, literatura, música e teatro, segundo a pesquisa de doutorado na área de Letras de Sonia Goussinsky, da USP,[8] argumenta ainda que preservar o idioma é tentar conservar um jeito de ser, uma perspectiva de mundo. A luta pela conservação dos livros em iídiche e por constituir

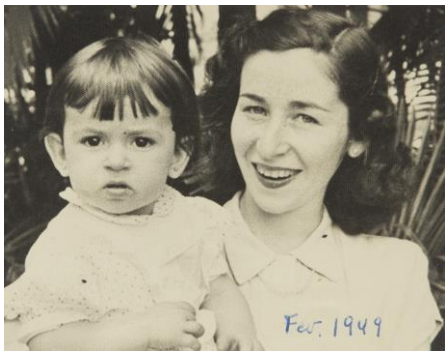
---

[6] Projeto de autoria do arquiteto Isay Weinfeld, aprovado em lei federal de cultura e em fase de captação de patrocínio. Disponível em: (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

[7] Em 2014, o jornal *Nossa Voz* passou a ser novamente editado, desta vez viabilizado pela lei federal de incentivo à cultura, com periodicidade trimestral e distribuído sem custo pelas bancas do Bom Retiro e instituições parceiras. (Jornal *Nossa Voz*, São Paulo, 2015).

[8] GOUSSINSKY, Sonia. "Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil". Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 2012, p.96.

uma biblioteca específica é uma das mais representativas ações do resgate da Casa do Povo, e ao promovê-la Marina Sendacz e todos os que estão envolvidos com essa instituição aprofundam vínculos com o bairro do Bom Retiro. A sra. Hugueta Sendacz, mãe de Marina Sendacz, pianista e regente, nascida na Polônia, chegou ao Brasil em 1929, ainda no colo dos pais, participa com empenho das atividades da comunidade no bairro. É maestrina do coral Tradição desde 1988, além de atuar no teatro da terceira idade. Toda semana tem ensaio do coral na Casa do Povo, a singularidade é que o coral só canta em iídiche, e nem todas as integrantes do grupo conhecem o idioma. Em junho de 2015, a sra. Hugueta promoveu um ensaio aberto do coral Tradição na Casa do Povo; todo o público cantou em pé "Somos todos irmãos", com transmissão ao vivo pela rádio *on-line Nueva America*, da comunidade boliviana. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil fez um acordo com a Casa do Povo: divulga os eventos em troca de utilizar o espaço para reuniões e cursos.



Marina e Hugueta Sendacz em fotos de 1949 (álbum de família) e 2014

2. As vozes da América do Sul

A Casa do Povo abrigou atividades promovidas pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil ao longo de 2015. Em outubro desse mesmo ano ocorreu a palestra "Nova mídia imigrante comunitária", com a participação de ativistas culturais e sociólogos bolivianos radicados no Brasil. Na abertura, Benjamin Seroussi, diretor da Casa do Povo, recepcionou os participantes e resumiu o pensamento da atual direção da Casa: "A história da comunidade boliviana no Brasil passa pelo Bom Retiro, aqui vocês estão em casa, os bolivianos vivem hoje o que os judeus viveram nos anos 1940 e 1950. Os judeus precisavam de um lugar e fizeram a Casa do Povo, (...) aqui acolheu um teatro, uma escola (...), e agora

tem que continuar o diálogo com o bairro, (...) um bairro difícil, mas acolhedor, a Casa é de vocês", completou o diretor.

No mês de maio de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil realizou um seminário para bolivianos que trabalham com rádio *on-line*. As professoras Denise Cogo e Isabel Pezzengrilde ministraram o curso para cerca de 45 alunos no espaço cedido pela Casa do Povo em troca da divulgação de seus eventos nas rádios geridas pelos bolivianos. Os alunos eram quase todos homens, jovens e maduros, havia poucas mulheres. Este é um movimento independente da atuação do Estado. No caso do Bom Retiro, independente da atuação do Estado de várias nações, criando um movimento independente transnacional.

O amadurecimento para a criação desta entidade ocorreu a partir de um acontecimento trágico: o assassinato do garoto boliviano Brayan Y. C., de apenas cinco anos de idade, em junho de 2013. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil surgiu neste contexto, aglutinando diversos produtores e ativistas sociais e culturais bolivianos com algumas necessidades distintas, mas muitas preocupações comuns. O Bom Retiro é o lugar da costura, do imigrante, e faz parte do espaço político e cultural de São Paulo; é também central e próximo ao Brás, um dos maiores redutos da comunidade boliviana. No ano de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil promoveu cursos e seminários na Casa do Povo. Algumas rádios *on-line* estão no bairro, e um dos principais articuladores do grupo mora no Bom Retiro há 20 anos, Jorge Gutierrez Lopez, boliviano de Oruro, atual presidente da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil com mandato de quatro anos. O debate na comunidade discutiu uma perspectiva para saírem das sombras, uma perspectiva de afirmação cultural e valorização da própria origem.

Ao longo do curso, foi possível perceber os principais interesses e questões pertinentes à comunidade boliviana. Na primeira semana, as professoras, experientes em rádio comunitária e também em pedagogia, colocaram a questão da pluralidade do ouvinte, a questão de saber para quem se está falando, basicamente a preocupação com o conteúdo, os efeitos e os processos. Na semana seguinte, a atividade da aula foi a divisão da classe em dez turmas de quatro a cinco componentes cada uma. As principais questões levantadas durante o debate após as apresentações eram o cuidado para naturalizar o preconceito, temas culturais e de identidade, problematização das necessidades e desejos da comunidade boliviana, decerto em fase de elaboração de outra narrativa e vivendo um processo de construção de uma consciência coletiva comunitária.

Na palestra "Nova mídia imigrante comunitária", em outubro de 2015, na Casa do Povo, um dos palestrantes, o sociólogo boliviano Wilmer Lopez, mestrando na USP, fez referência ao papel da mídia no Brasil na consolidação de uma imagem preconceituosa do boliviano e do projeto migratório da comunidade: "A imprensa brasileira apresenta uma identidade negativa dos bolivianos, as notícias são sem contexto, os comunicadores bolivianos devem colocar este contexto"; diz o sociólogo boliviano

Wilmer Lopez. Ele ainda discorreu sobre como o discurso preconceituoso atinge a autoestima do boliviano e falou sobre pluralidade, segundo o sociólogo algo do qual os bolivianos deveriam se orgulhar: "Qual país do mundo tem uma visão de país plurinacional?", questionou. Ele se referiu ao fato de a Bolívia ter se tornado um estado plurinacional a partir da nova Constituição, de 2009, reconhecendo a diversidade cultural de 36 etnias existentes no país, além de suas instituições e normas. Na palestra "Nova mídia imigrante comunitária" (outubro de 2015, na Casa do Povo) Eduardo Schwartzberg, outro sociólogo boliviano palestrante, mestrando na USP, argumentou que é necessário reconstruir a ideia de comunidade, e ela só se viabiliza com organização. Ele completou ressaltando o papel das rádios comunitárias no aprofundamento do conceito de comunidade no contexto contemporâneo do capitalismo global e na cultura; como instrumento de construção de uma narrativa alternativa, "as rádios reforçam a ideia de comunidade", segundo o sociólogo. A cultura é a forma de resistência, a busca na valorização da origem como elemento para problematizar a autoestima, mas o instrumento utilizado pertence à modernidade, a internet cria a possibilidade de participação da comunidade em rede e continuamente. As redes solidárias foram decisivas em favor da comunidade judaica em São Paulo, especialmente no Bom Retiro, em um período de instabilidade mundial e dificuldade de sobrevivência.

A internet pode ser mais um canal, porém necessário, para imaginar a comunidade boliviana em São Paulo e para formação e articulação de redes solidárias. A singularidade contemporânea, neste caso, é a troca. Bolivianos utilizando a estrutura que é símbolo da luta de resistência cultural de outro grupo, da comunidade judaica, construída após a Segunda Guerra Mundial; a reprodução do cosmopolitismo no Bom Retiro se evidencia, o bairro não só abrigou e abriga o imigrante como é o próprio espaço da organização e também do exercício político e cultural. O processo migratório permanece, e a estrutura se reproduz. O sociólogo Wilmer Lopez completou sua fala na palestra "Nova mídia imigrante comunitária" (outubro de 2015, na Casa do Povo), questionando se o conceito de escravidão do século XVI, conceito colonial, não estaria impedindo que vejamos a legitimidade do projeto migratório dos países sul-americanos, especialmente no caso boliviano[9]. A perspectiva do migrante é distinta, e o tema do trabalho escravo é dos mais delicados e complexos ao se problematizar as imigrações, e, em especial, a imigração boliviana no Brasil. Sem dúvida, o capitalismo global e a integração de mercados flexibilizaram as relações entre capital e trabalho (SILVA, SIDNEY ANTONIO; 2005, p. 19).

As condições são insalubres, a jornada é longa, e a moradia quase sempre é improvisada no local de trabalho. Olhando a partir da perspectiva do boliviano, é a chance de ascensão social de toda a sua família; a emigração não é apenas uma escolha, mas também a possibilidade de conseguir investimento em sua Mãe Terra, lugar de poucos recursos e política pública insuficiente; a emigração é um recurso de sobrevivência e paradoxalmente de independência, mesmo em situações adversas. O Bom Retiro é o

[9] Segundo o palestrante Wilber Lopez, o imigrante de baixa renda é visto, em geral, como transgressor; no caso da imigração boliviana há o preconceito em relação ao país de origem, economicamente mais pobre e quanto ao tipo étnico, não europeu ou asiático.

espaço com as características necessárias para abrigar esse projeto migratório. Na adversidade está sendo construída outra comunidade, que se utiliza das ferramentas contemporâneas de comunicação. Uma comunidade judaica singular foi criada no bairro, outra comunidade singular é a boliviana. A memória do garoto assassinado move a resistência simbólica, e a organização da Associação de Comunicadores se inscreve na resistência concreta. Na Casa do Povo se realiza um movimento de interseção de culturas, o encontro de interesses de parte das comunidades judaica e boliviana, de onde irão surgir novas perspectivas e paradigmas.

Oficina de trabalho da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, Casa do Povo, 2015

Grupo de comunicadores na entrada da Casa do Povo durante a oficina de trabalho da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, rua Três Rios, Bom Retiro, 2015

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bom Retiro é o lugar mais cosmopolita do Brasil. A composição social é estratificada, são encontradas no bairro das camadas mais populares às altas. As relações sociais assimétricas permeiam a trama social construída na diversidade étnica e cultural. Na segunda década do século XXI ocorre um inusitado encontro de culturas milenares no bairro. Gregos, judeus da Europa e da África, coreanos, armênios, povos andinos, chineses e descendentes de italianos, entre outros, são os fios das tramas sociais no espaço que tem a diversidade como norma. Apesar dos ressentimentos contidos, preconceitos velados e conflitos vários, o bairro se renova constantemente como abrigo da diversidade e do imigrante. Imigrar é um direito e inúmeras consequências decorrem da luta pelo exercício desse direito pelos diferentes grupos no Bom Retiro; um lugar com histórico em que a infraestrutura, a organização espacial, a localização e os equipamentos públicos propiciaram e continuam propiciando a ocupação por imigrantes.

A história do bairro foi construída pela trajetória de imigrantes e pelas relações desenvolvidas no dia a dia entre atores sociais diversos e heterogêneos. Não é apenas um grupo de determinada região do planeta a ocupar o bairro, o espectro é muito amplo. Laços de solidariedade dentro dos grupos fizeram e fazem a diferença no desenvolvimento das comunidades e na tentativa da construção de um discurso. Imigrantes só se tornam uma comunidade se forem organizados, estruturados e com fortes relações entre seus membros. A organização possibilita a construção da própria narrativa. Ao longo do tempo o Bom Retiro ficou conhecido como bairro de italianos, depois bairro dos judeus e no fim do século XX como um bairro coreano. A vasta gama étnica e cultural foi acrescentada com a presença dos sul-americanos. Em 2016, o lugar pertence a várias comunidades, algumas mais fortes economicamente, mais visíveis, outras mais discretas e em fase de estruturação.

O Bom Retiro expressa neste momento histórico uma amostra de movimentos populacionais transnacionais, as migrações inseridas no contexto da ordem capitalista do século XXI, dos mercados globalizados e da mão de obra precarizada. Entretanto, os projetos migratórios são frutos do desejo de mudança e são realizados por sujeitos dedicados às transformações, sujeitos fazendo história. A renovação do lugar como receptor de imigrantes tornou o espaço um universo rico de histórias de personagens que sempre estiveram dispostos a escrever o roteiro de suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (orgs). *Histórias migrantes, um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas.* São Paulo: Humanitas, 2014.

CHOI, Keum Joa. "Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil". Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Paralelos: 95 anos de Unibes contados através da história de São Paulo*. São Paulo: Narrativa Um, 2011.

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, PMSP, 1971.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* São Paulo: EDUSP, 1999.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOUSSINSKY, Sonia. "Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil". Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 2012.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior, In_____ Revista de Economia Política. Vol. 30, nº 1. São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. São Paulo: Ssua Editora, 2008.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Ateliê Editorial, 2012.

LANNA, Ana Lúcia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades.* São Paulo: Alameda, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanencias, 1930-1954.* São Paulo: Alameda, 2011.

MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter.* São Paulo: Summus, 2014.

MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NOGUEIRA, Oracy. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem". *Tempo Social*, vol. 19, nº 1. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH, USP, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "Imagem e Memória", In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; MAMMÌ, Lorenzo (orgs.). *8 x Fotografia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes.* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PÓVOA, Carlos Alberto. "A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi". Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

PRADO, Caio Júnior. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

TRUZZI, Oswaldo. "Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo". *Estudos Históricos* vol. 2, nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.